

O Deus dos presbiterianos que exige isso é o demônio primitivamente mau e vingativo das antigas civilizações. No princípio de tôdas as coisas, antes que um único pecado tivesse sido cometido, já fôra decretado que a maior parte da humanidade ainda não criada seria entregue ao diabo. Desde aquele tempo, castiga o mundo com o flagelo da fome, com pestes, com o fogo e com as ondas. Eis o que os sacerdotes escoceses anunciam. Contam como a ira de Deus se desencadeia até contra as coisas e as criaturas irracionais. Quando Êle se compraz, de vez em quando, a despertar, nos homens, esperanças quiméricas em sua divina misericórdia e assistência, faz isso com o intuito único de que o próximo castigo lhes pareça tanto mais duro.

No inferno, destino dos que são repelidos por Êle, os pobres pecadores são cozidos no ardente fogo, suspensos pela língua ou mordidos pelos escorpiões. Um rio de enxôfre incandescente, mais largo do que a terra espera os danados. Mergulham nêle de tal modo que os ossos, os pulmões e o fígado fervem sem nunca ser completamente consumidos. Assim é que as profundezas do inferno ecoam dos gritos de dôr e das lamentações de agonias eternas.

O prêgador se compraz na descrição cruel daqueles pavores. Cada uma de suas palavras é calculada e visa levar os seus ouvintes ao delírio do horror e precipitá-los no mais fundo desespero. Dêste modo, facilmente se compreende que o auditório se transforme num sombrio côro da desgraça.

Tudo isso, porém, é só o comêço. O sacerdote expõe agora com insistência, como, no além, um inferno sucede a outro, cada um oferecendo suplícios absolutamente novos e inconcebíveis para que os sentidos dos condenados não venham a acostumar-se talvez com as suas penas no decorrer da eternidade, a ponto de não mais senti-las.

Num rígido calefrio, estão os crentes sentados na igreja, como que congelados nos seus bancos, sob o encanto do mágico pavor, que lhes corta a respiração e faz brilharem gotas de suor nas suas frentes.

Êsses sermões duram muitas horas; até faltarem as fôrças ao sacerdote. Quanto mais tempo fala o anunciador do inferno, tanto mais duras e terríficas são as suas palavras, e tanto mais atentamente o povo o escuta, e tanto mais admirado e venerado será Êle, como um verdadeiro enviado de Deus.

Êsse mêdo do inferno persegue os escoceses até no seu lar doméstico. Sempre, a cada hora do dia e da noite, sentem a presença do diabo, atrás da lareira, prestes a apoderar-se dêles e a atirá-los no precipício ardente. Não há fugir e, entregues às ininterruptas torturas dessa luta com o Maldito, os homens esperam impacientemente o próximo serviço divino. Assim sua existência se torna um mero sacrifício sem fim ao Mêdo primitivo universal, um gemido, um tremor contínuo, um ininterrupto ranger de dentes.

* * *

Estes puritanos ditadores da virtude, por estarem intimamente ligados com as instituições políticas, não podiam escapar às contingências e vicissitudes históricas a que está exposta cada forma de governo.

Na Inglaterra, o jôgo dos fatores políticos trouxe, em 1660, a restauração da dinastia real, depois de apenas dez anos de república. A sombria teocracia puritana desapareceu pela mesma ocasião. A restauração dos Stuarts, que arrancara o cadáver putrefato de Cromwell à sua sepultura, tornou-se uma revolução da alegria. Logo os teatros se encheram de senhores elegantes, risonhos e alegres e de senhoras frívolas cobertas de jóias e com os cabelos "pecaminosamente" anelados. No palco, obcenidades sucediam-se a obcenidades e, os diretores, com o instinto do gôsto da época que os caracteriza, acabaram por transformar o "Misanthrope", de Molière, num libertino violador de donzelas. Na boa sociedade da época da restauração, o pudor tomou as feições duma máscara lasciva. Pureza virginal e fidelidade conjugal tornaram-se então o cúmulo do ridículo. A palavra "virtude" provocava verdadeiras manifestações de nojo.

A desapareição da ditadura da virtude, que, na Inglaterra, tomara o aspecto de um carnaval endemoniado, operou-se, na América, de maneira lenta, mas irresistível. Aquí, o puritanismo estava entrosado numa forma de governo dotada de exuberante vitalidade e em pleno viço. Na sua população, se encontravam elementos de gênio diferente, industriosos e aspirando à riqueza e à opulência e que logo alcançaram preponderância sobre os descendentes dos virtuosos primeiros imigrantes. Foi por estas razões que o puritanismo, cada vez mais, se foi tornando um corpo estranho dentro duma nação secularizada. Por sua vez, em Genebra e em Edimburgo, nestes berços da austeridade calvinista, a oligarquia da virtude, pouco a pouco, se fundiu num partido de opposição contínua.

Assim, por tôda parte, a repressão dos instintos se vê arrancar o cetro da onipotência política. Contudo, as fôrças sociais que contribuíram para formar os estados virtuosos do século XVI bem como do século XVII encontrando nêles sua expressão, não se perdem completamente, mesmo depois do desaparecimento daqueles sistemas políticos. Essas fôrças continuam a operar nas numerosas seitas que, espalhadas e divididas, reivindicam a herança do puritanismo, cujo sonho de austeridade continuam a sonhar.

As idéias de Calvino tornam a ser quasi textualmente reproduzidas nas máximas dos dirigentes metodistas. E' assim que Wesley exalta a celebração dum casamento sem inclinação como meritória e agradável a Deus, enquanto seu companheiro Whitefield se vangloria nos seguintes termos: "Graças a Deus, na medida em que conheço meu próprio coração, sou livre dessa paixão desatinada que o mundo chama Amor!"